

DESENVOLVIMENTO

Ipea mostra que o Brasil conseguiu reduzir a desigualdade com a segunda maior velocidade do mundo. Mas ainda precisa manter o ritmo por seis anos para alcançar o México e 24 anos se quiser igualar o Canadá

No meio do caminho

MARCELO TOKARSKI
DA EQUIPE DO CORREIO

O Brasil ainda é um país com uma das piores distribuições de renda do mundo, mas desde o início da década deu importantes passos na direção de amenizar a abissal desigualdade entre pobres e ricos. O atual ritmo de redução da desigualdade é maior do que o de quase todas as nações que, no passado, construíram seu estado de bem-estar social. De 2001 a 2006 (último dado disponível), o Índice de Gini recuou de 0,594 para 0,559 — quanto mais próximo de zero, menos desigual é um país. A queda média foi de 0,007 ponto por ano. O desempenho brasileiro só fica atrás da Espanha, que ao longo dos anos 1950, registrou um recuo anual de 0,009 em seu índice (veja quadro).

Apesar da acentuada melhora, o Brasil ainda tem um longo caminho pela frente. Para chegar ao atual nível de desigualdade do México, por exemplo, o país precisaria manter o mesmo ritmo de melho-

ra por mais seis anos. Para alcançar os Estados Unidos, seriam necessários 12 anos. Do Canadá, exemplo de bem-estar social, ainda estamos a uma distância de 24 anos. O diagnóstico é do pesquisador Sergei Suarez Dillon Soares, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), autor do estudo O ritmo de queda na desigualdade no Brasil é adequado? Evidências do contexto histórico e internacional.

De acordo com o levantamento, entre 2001 e 2006 a desigualdade caiu 5,8% no país, o que dá uma média de 1,1% ao ano. "A principal conclusão (do estudo) é de que a velocidade da nossa queda está muito boa", afirma o pesquisador. Para o economista Marcelo Neri, da Fundação Getúlio Vargas (FGV), os anos 2000 ficarão marcados na história do país como a década da redução da desigualdade. "Os anos 1980 foram a década da democratização. Os 1990, da estabilização monetária. Agora, estamos ficando marcados pela redução da desigualdade", afirma (leia entrevista na página 23).

No entanto, alerta Sergei Soares, para esse ritmo ser mantido será preciso adotar outras medidas, pois os efeitos exercidos pela política de valorização do salário mínimo e pelo Bolsa Família começam a perder força. "O país precisa de uma política tributária mais eficiente e justa, que tribute mais quem tem mais dinheiro. É preciso ainda definir uma política que equilibre as diferenças regionais e investir pesado no sistema educacional", afirma.

Além do Bolsa Família e dos benefícios previdenciários (leia mais na página 23), os gordos aumentos dados ao salário mínimo, que nos últimos cinco anos subiu 56,1% acima da inflação, são um dos responsáveis por melhorar a vida da população de baixa renda. O auxiliar de limpeza Samuel Digo Bezerra, 21 anos, ganha pouco mais que um mínimo. Apesar do

orçamento apertado, o jovem comemora o fato de seu poder de compra ter aumentado.

"Hoje, é um pouco mais fácil comprar as coisas. Faço aula de violão, dou dinheiro para a igreja e ainda sobra para ir a uma pizzaria de vez em quando. Isso eu não conseguia antes", afirma. Morador do Paranoá, Bezerra sonha agora em concluir o ensino médio — voltou a cursar a 7ª série — e conseguir um emprego melhor. "A falta de estudo dificulta muito conseguir um emprego que me pague mais", afirma.

Distâncias

Ao calcular o tempo que seria necessário para atingir o nível de igualdade de outros países, Soares escolheu para comparação México,

Estados Unidos e Canadá devido às semelhanças geográficas (todos são países continentais) e ao fato de serem nações marcadas por diferenças étnicas. Segundo ele, a distância que ainda existe para o México, por exemplo, se deve à forte pobreza presente no campo brasileiro. "O México tira vantagem de ter feito uma ampla reforma agrária há 100 anos. No meio urbano, nossas desigualdades são semelhantes. Mas o México rural é muito mais igualitário que o Brasil rural", pondera.

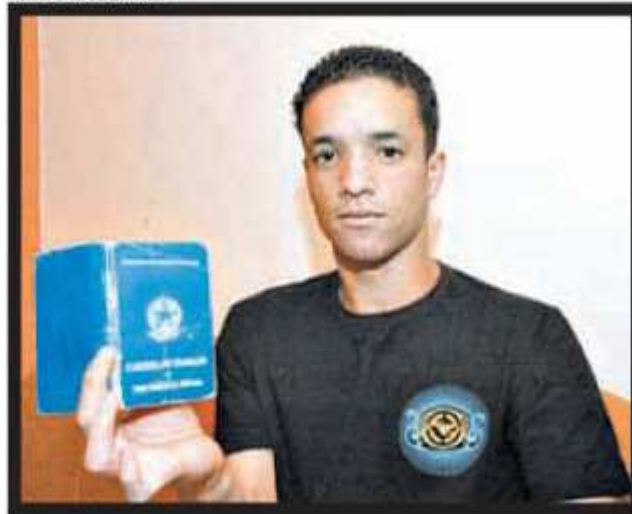
Para atingir o nível canadense, diz o pesquisador, não será suficiente apenas manter o atual ritmo de redução da desigualdade. O Brasil precisaria alterar profundamente seu "processo civilizatório". "Um país que se parece

com o Canadá em termos de desigualdade não pode se parecer em nada com o Brasil de hoje. Não será possível ter grandes favelas coexistindo com condomínios de luxo, indivíduos à beira da fome no sertão do Cariri vivendo no mesmo país cujos céus são cruzados por executivos viajando na segunda maior frota de aviões particulares do mundo, nem um exército de empregados particulares passando as roupas, encerando os pisos e lavando os banheiros da classe média", escreve Soares. Seria também uma mudança de mentalidade.

LEIA MAIS SOBRE
DESENVOLVIMENTO NA

PÁGINA 23

Adriano Cruz/CBDA Press



SAMUEL BEZERRA: AGORA, SOBRA ALGUM DINHEIRO PARA UMA PIZZA EVENTUAL

AS ESTATÍSTICAS

Veja a evolução da distribuição de renda no Brasil e sua comparação com outros países. O parâmetro é o índice de Gini, que vai de 0 a 1. Quanto mais próximo de zero, melhor a distribuição de renda.

A MELHORA BRASILEIRA

Segundo dados da Pnad



A MELHORA POR PAÍS

Espanha

Queda de 0,009 ponto por ano ao longo de 10 anos

Brasil

Queda de 0,007 ponto por ano ao longo de cinco anos

Estados Unidos

Queda de 0,006 ponto por ano ao longo de 15 anos

Noruega

Queda de 0,006 ponto por ano ao longo de 25 anos

Inglaterra

Queda de 0,005 ponto por ano ao longo de 16 anos

Suécia

Queda de 0,005 ponto por ano ao longo de 22 anos

França

Queda de 0,003 ponto por ano ao longo de 50 anos

Holanda

Queda de 0,002 ponto por ano ao longo de 43 anos

O RANKING DA DESIGUALDADE

1º) Namíbia	0,743	60º) Rússia	0,299
2º) Lesoto	0,632	71º) Portugal	0,285
3º) Serra Leoa	0,629	74º) Índia	0,348
4º) África Central	0,613	79º) Itália	0,360
5º) Botsuana	0,605	80º) Inglaterra	0,360
6º) Bolívia	0,601	83º) Noruega	0,352
7º) Haiti	0,592	84º) Espanha	0,347
8º) Colômbia	0,586	96º) Suíça	0,337
9º) Paraguai	0,584	99º) Bélgica	0,330
10º) África do Sul	0,578	101º) França	0,327
11º) Panamá	0,561	103º) Canadá	0,326
12º) BRASIL	0,559	104º) Coreia do Sul	0,316
13º) Guatemala	0,551	107º) Holanda	0,309
14º) Chile	0,549	110º) Etiópia	0,300
15º) Honduras	0,538	113º) Áustria	0,291
16º) Equador	0,536	116º) Alemanha	0,283
17º) El Salvador	0,524	117º) Ucrânia	0,281
18º) Peru	0,520	118º) Hungria	0,269
19º) República Dominicana	0,516	119º) Finlândia	0,269
20º) Argentina	0,513	120º) Bósnia e Herzegovina	0,262
27º) Costa Rica	0,498	121º) Islândia	0,258
29º) Venezuela	0,482	122º) Eslovênia	0,258
34º) China	0,469	123º) República Checa	0,254
36º) México	0,461	124º) Suécia	0,250
39º) Uruguai	0,449	125º) Japão	0,249
56º) Estados Unidos	0,408	126º) Dinamarca	0,247

Fontes: Ipes, BGE e Pnad
Jeffrey W. Pardo/CBDA Press